



A estela da abóbada é uma das mais famosas da escrita do Sudoeste. Frei Manuel do Cenáculo foi dos primeiros a investigar o mistério.



RETR. DO EXC.^{MO}
E R.^{MO} S.^{DO} D. F. M. DO CE:
NACIU BISPO DE BEJA,
CONF. E M. DO SER.^{MO} S. D. JO:
ZE PRINCEPE DA BEIRA,
PREZ. DA REAL. MEZA CEN:
SORIA CAPELLAO MOR. DAS
ARMADAS REAES. CONS. DO S.
OFFICIO. E DA CRUZ. EXAMIN.
SYNOVAL DO. PATRIAR. E DAS
ORDENS MIL. M. JUB. E D. CO:
NIMBRICENSE. DEF. G. DE TODA
A ORDEM DE S. FRAN. TROU. E
CHRONISTA DA ORDEM DA PENI.

Escrita Precoce

TEXTO DE GONÇALO PEREIRA
FOTOGRAFIAS DE ANTÓNIO CUNHA

Inscrições da I Idade do Ferro intrigam historiadores há mais de dois séculos. Com influências das línguas fenícias e gregas, a escrita do Sudoeste é a mais antiga da península Ibérica.



Foi neste cenário de planície acidentada, no concelho de Silves, que se produziu a descoberta da mais recente lápide da escrita do Sudoeste.

Aquela manhã de 1999 parecia igual a tantas outras. António Calado Martins, criador de gado em São Martinho, nas imediações de São Marcos da Serra, Silves, requisitara os serviços de uma máquina para revolver o solo da sua propriedade. O instrumento rasgou a terra. Uma vez. Depois, outra. Outra ainda. António Martins mandou a máquina parar. Despontando do solo, uma lápide com inscrições captara a sua atenção.

Quase todas as peças conhecidas desta escrita obedeceram a desígnios do acaso como este. Desde o século XVIII, identificaram-se mais de oito dezenas de monumentos epigrafados com a enigmática escrita. A sua concentração geográfica, entre o Sul do Alentejo, o Algarve e o extremo ocidental de Espanha, valeram-lhe o nome pelo qual é conhecida no mundo: a escrita do Sudoeste, primeira manifestação escrita da península Ibérica, datada da I Idade do Ferro, entre os séculos VIII e VI a.C.

O investigador Amílcar Guerra nunca o admitiria, mas



Quatro concelhos reúnem a maioria das inscrições conhecidas.



a sua formação académica faz supor uma intervenção da Providência no estudo desta epigrafia. Com 55 anos, Amílcar Guerra é licenciado em filologia clássica. E é doutorado em história clássica, com mais de 20 anos de experiência em escavações arqueológicas. Concentra duas vertentes essenciais para interpretar a escrita do Sudoeste e colocá-la no contexto da Idade do Ferro peninsular, consideravelmente mais tardia do que a da Europa Central.

Várias horas de conversa com este professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa preparam o repórter para uma personalidade na melhor linha do frade franciscano do século XIV que legou à posteridade a célebre lâmina de Occam, a máxima segundo a qual é útil omitir entidades desnecessárias na procura de explicações. A resposta mais simples é, normalmente, a correcta.

Amílcar Guerra é um dos muitos investigadores portugueses que, nos últimos dois séculos e meio, se interessaram pela escrita do Sudoeste. Em 1782, o espanhol Francisco Perez Bayer deu conhecimento de uma inscrição descoberta nos arredores de Sevilha. Poucos anos depois, Frei Manuel do Cenáculo, bispo de Beja e mais tarde arcebispo de Évora, interessou-se também por este tipo de escrita. Reconheceu a sua antiguidade e estimou uma datação muito aproximada da real. Foi também capaz de intuir que estes caracteres aproximavam os produtores da epigrafia do mundo oriental. Muitos dos documentos produzidos por Frei Manuel do Cenáculo (servido por óptimos desenhadores) são os únicos registos de algumas lápides que se perderam entretanto no tempo.

Sem nunca direccionarem campanhas propositadamente para a descoberta destes monumentos, os arqueólogos oitocentistas Emílio Hübner, Estácio da Veiga, Santos Rocha e Leite de Vasconcelos tomaram conhecimento de mais descobertas. No século XX, Abel Viana, Caetano Beirão e Fernando Nunes Ribeiro continuaram o legado. Se mais nenhum mérito esta escrita tivesse, ela intrigou as principais referências da arqueologia portuguesa.

Um dos mistérios que rodeia estas lápides é a sua concentração geográfica. Mais de 60% da epigrafia foi revelada em quatro concelhos portugueses (Loulé, Almodôvar, Ourique e Silves), apesar de os povoados da I Idade do Ferro cobrirem uma extensão bem mais vasta do território.

Seria esta região o núcleo de comunidades directamente migradas do Oriente e dotadas de uma língua particular? Amílcar Guerra sorri e aplica, sem o admitir, a lâmina de Occam: “E se admitíssemos apenas que o isolamento da serra do Caldeirão, região agreste, de contrastes climáticos ao longo do ano, menos sujeita a povoamento intensivo ao longo dos séculos, preservou registos epigráficos que deveriam ocorrer também noutras regiões?”, pergunta o investigador.



No Museu Rainha Dona Amélia, em Beja, preservam-se algumas das melhores estelas deste período, doadas pelo arqueólogo Fernando Nunes Ribeiro. Amílcar Guerra tacteia uma peça e susurra, mais para os seus botões do que para a audiência improvisada: “Xisto. Xisto de excelente qualidade. Nesta região, este material é abundante. Quem nos garante que não é esse o motivo para a concentração geográfica da escrita? Noutras regiões, poder-se-ão ter feito as mesmas lápides com materiais perecíveis. Estas sobreviveriam. Aquelas não!”

Em 1996, o arqueólogo Carlos Maia descobriu, em Castro Verde, um signário, o sonho de qualquer estudioso de uma língua desaparecida. Numa lápide gasta, um mestre e um aprendiz desenharam os signos conhecidos do alfabeto da escrita do Sudoeste. O mestre gravou cada signo com firmeza. O discípulo fê-lo de forma ténue, repetindo os signos com perseverança. Para um arqueólogo, o achado foi quase bom de mais: onde o tempo roeu parte de um signo existe uma cópia de segurança imediatamente abaixo.

Compreensivelmente, o achado potenciou a expectativa de decifração das mensagens inscritas, como se o signário fosse um li-

António Martins Calado (à direita) mandou a máquina parar no momento em que uma lápide com inscrições gravadas captou a sua atenção. À esquerda, o investigador Amílcar Guerra.



Rituais de Antanho

A generalidade dos autores aceita que a produção da maioria das peças já identificadas estaria associada a ritos funerários, provavelmente até às próprias necrópoles. Teriam a função de estelas, marcadores de locais de sepultamento, depositados para serem lidos, o que pressupõe uma disseminação razoável da escrita no seio destas comunidades. “Quem escreve prevê que vai ser lido”, diz Amílcar Guerra. “Intui que o

receptor dispõe da técnica de descodificação dos signos e de interpretação de sentido.”

Os diferentes formatos e suportes já encontrados não intrigam os investigadores. “Mesmo nos nossos modernos cemitérios, as homenagens que se prestam aos defuntos variam consoante o prestígio económico e social da família”, comenta Amílcar Guerra. “Não temos motivos para pensar que na Idade do Ferro essa lógica fosse diferente.”



O signário de Espanca (à esquerda), exposto no Museu da Lucerna em Castro Verde, é uma peça essencial para o estudo da escrita do Sudoeste. A maior parte dos signos conhecidos foram aqui gravados por um mestre e pelo seu discípulo.

Entre os espólios escavados de sítios arqueológicos da I Idade do Ferro em Portugal destacam-se artefactos de ornamentação previsivelmente associados às cerimónias de sepultamento. Esta cabeça de

bovídeo (à esquerda) faz parte do espólio do arqueólogo Caetano Beirão no Museu de Évora, mas é agora a referência principal de uma exposição em Alcochete dedicada ao touro, aos seus mitos e rituais.

Recolhido na sequência de uma campanha em Castro da Azougada, Moura, este pote de cerâmica (em baixo) transporta-nos para a transição entre a I e a II Idades do Ferro, período em que a escrita do Sudoeste perde progressivamente relevância.



vro de instruções. Todavia, uma coisa que rapidamente se aprende quando nos debruçamos sobre a escrita do Sudoeste é o exercício da cautela. Nos últimos anos, várias propostas de interpretação da escrita foram publicadas. Umas mais exóticas que outras, umas mais prudentes que outras. O terreno é claramente escorregadio.

Amílcar Guerra, cauteloso, aplica uma vez mais a lâmina de Occam: uma coisa é a estrutura da escrita; a outra é o léxico. “Sabemos que a escrita é uma estrutura mista, que junta símbolos vocálicos, consonânticos isolados e consoantes e vogais oclusivas”, diz. “Certos signos correspondem a sílabas. Outros são claramente fonemas. É uma escrita com afinidades com o mundo oriental, provavelmente com a escrita fenícia, embora também beba influências do grego.” As conjecturas sobre o léxico, porém, parecem ousadas. Se um arqueólogo do futuro descobrisse um repositório de todos os símbolos da língua portuguesa, compreenderia automaticamente o sentido da escrita? Sem outros elementos, o signário abre janelas para a estrutura da escrita, mas não é a pedra de Roseta.

Os romanos diziam que as palavras voam, mas as pedras ficam. Talvez em mais nenhuma outra ocorrência arqueológica este pedaço de sabedoria antiga faça tanto sentido. Os monumentos epigrafados continuarão a despontar no Sudoeste da península, seja pela acção concertada dos arqueólogos, seja pelo labor cego dos tractores e das enxadas. “É prudente aguardar por mais inscrições antes de especular sobre o sentido da epigrafia. Será importante encontrar peças inseridas no contexto para perceber que tipo de sociedade produziu esta epigrafia”, diz Amílcar Guerra. Até lá, as palavras voam, mas felizmente foram gravadas na pedra. □

